

fazia todo o sentido estar em dia com a vida. Sentias-te vivo. E já tinhas ultrapassado aquela fase de pensar em deixar Portugal e regressar à Holanda. Sobretudo depois do que soube sobre os leaks do futebol do Rui Pinto e do papel da Holanda.

- Anda por aí tanta gente inflamada com estes football leaks... Mas se nem a polícia está à altura. Há quem as saiba fazer bem feitas... E Artur a corresponder: Sim, li que agora deram pela falta de dois dossiers.

- O nosso Rui Pinto tem cá uma cabecinha. Primeiro, não quis revelar as passwords, e depois... é o que se irá vendo.

- O Artur é capaz de já se ter arrependido de vir para Portugal..., intervém Germana.

- Ora, querida, como se lá na Holanda não faltassem imbróglis destes. Como se lá não fosse o centro deles.

- Não digo que não, mas ao que eu me refiro é à maneira trágica com a Sanna veio cá encontrar a morte.

- O nosso amigo é capaz de já não querer falar mais disso. Já passou. Aconteceu. E depois, em qualquer lugar se morre, não é verdade?

- Havia já algum tempo que não vínhamos a Portugal, andávamos a adiar, ora por um motivo, ora por outro. E eu também não conhecia a Madeira. Aquilo é de se perder o fôlego.

- Acha? Eu gosto mais dos Açores, há muito mais variedade por lá, muito mais História.

- Estou de acordo. A Sanna adorava as ilhas, imaginem que ela até estava com a ideia de adquirirmos casa no Pico! Ou então no Porto Santo! Aquilo era novidade, andava eufórica. Mesmo encantada. A ponto de... esquecer que todo o cuidado é pouco quando nos passeamos à beira de precipícios.

- Deve ter resvalado... pode acontecer a qualquer um... ninguém está livre de uma vertigem súbita...

4. Final, estar vivo oferecia tantas janelas de debruce, tanta admiração e tanta interrogação. Era o que Artur ia descobrindo. E os cafés, apesar das restrições impostas pela pandemia eram lugares especiais. Podiam ser lugares onde uma pessoa era o outro, irmão daquele outro. Os restaurantes, idem. Como naquele dia em que avistou o casal do 5º andar. Quando deram pela sua pre-

sença, as perguntas dispararam, Já viu a última?, que me diz disto?, e daquilo? Acha que a Ana Gomes tem razão?

O Jorge andava muito bem informado e dispara: Para a maior parte das pessoas, isto não passa de um vulgar caso associado a um hacker esperto.

- E não será apenas isso?, intervém Germana.

- Oh minha querida, o caso não é assim tão simples. Isso é a visão que o comum dos mortais tem. Existe muito mais para além disso.

- Ai Jorge, tu e os teus mistérios. Deformação jornalística, sabe, é o que Germana diz dirigindo-se a Artur.

- Mas, meu caro Jorge, e por que razão diz você que esta questão do Rui Pinto não é o que parece ser, um caso vulgar de pirataria electrónica associada a um hacker esperto?

- Oh isso tem muito que se lhe diga. Eu disse isso? Esqueça, homem, e para que quererá você embrenhar-se nos meandros da alta política, diga-me? Você um pacato veraneante cuja preocupação maior é distrair-se, esquecer as agruras da vida?

Semelhante tirada teria o condão de aguçar ainda mais a curiosidade de qualquer mortal, e é o que acontece com Artur, o pacato veraneante.

- Bem, depois dizem que as mulheres é que são curiosas... Pois disse e repito: o caso em questão não é um vulgar caso associado a um hacker esperto. Aquele menino que uns chamam de herói, outros de pirata informático, está ligado a uma rede internacional perigosa. Perigosa para nós, entenda-se. O miúdo até fez um bom trabalho ao registar como todo esse plano foi urdido. Tem é jogado com muita prudência, daí o desaparecimento dos tais dossiers. Se algum dia se fizer luz sobre isto, à sua Holanda recairão sérias acusações. Ah não se espante, ela nunca foi flor que se cheire, mas até aqui só a podiam acusar de forreta em relação aos países do sul da Europa. Ela, a Dinamarca e a Suécia, em destaque. Dizem os meus contactos que a anterior crise económica terá sido apenas um ensaio para enfraquecer os países do sul, onde por tudo e por nada se endividam os bêbados e mulherengos do planeta. O que a Troika não conseguiu

fazer, a pandemia faria. Como?

Mas já vi que o choquei. E ainda não ouviu tudo, meu caro.

A mim o que me traz algum consolo é ver como desta vez lhes está a sair o tiro pela culatra. Ora oiça: imaginaram os "espertalhões" criar em laboratório o dito cujo vírus e espalhá-lo a seu bel-prazer para assim enfraquecerem e poderem controlar o planeta. Diabólico, ah? Julgaram eles que estava tudo previsto de modo a ficarem a rir-se. Mas é como digo: saui-lhes o tiro pela culatra. É que a vacina que os iria tornar imunes, e criada por eles sob enorme sigilo, revelou-se mais tarde um grande fiasco. Deixou-os como nós, vulneráveis e à mercê da uma pandemia que não conhece criadores nem vítimas. Claro que tudo isto é altamente sigiloso e o miúdo bem que queria ficar lá por fora para poder negociar com eles à vontade. Só que a ele também trocaram as voltas.

Tem-se mostrado renitente em dar a conhecer certas passwords, e é compreensível. A meus olhos ele tem mais de herói que de vilão no meio disto tudo. Com os football leaks e o Luanda leaks ficámos a conhecer podridões que de outro modo talvez passassem despercebidas. São casos gravíssimos de corrupção, mas o que Holanda e os aliados fizeram ainda é mais grave.

- E anda o palhaço do Trump a espalhar por aí que os responsáveis pelo aparecimento do vírus são os chineses...

Estas revelações de Jorge podiam não passar de uma teoria, uma teoria arrojada, mas havia demasiadas coincidências. Além disso, ele era um homem muitíssimo bem informado. Jornalista reformado mas sempre em contacto com os meios de comunicação.

- Vai um passeio até aos Correios? Tenho que lá ir levantar uns livros.

Depois da ida aos correios, despedem-se ali no Chiado. Há sempre tanto a fazer. Jorge, a caminho da redacção de um qualquer jornal, ele, Artur, acompanhado do cão a quem anda a ensinar a comportar-se na presença de possíveis interesses femininos pela sua peixeira: Então, amigo, que mal te fez a senhora?, vá, deixa-te de rosnadelas, então??

\*Escritora



Chrys Chrystello\*

Agora que o natal acabou com troca de compota nas escadas ao pequeno-almoço ou no pátio como sugeriu a DGS, ainda não podemos tirar a máscara covidesca nem confraternizar, nem levar a vida normal que se levava em 2019, todos a fingir que isto vai ficar bem um dia. Com vacina ou sem vacina nunca se sabe se esse dia chegará, se não virão mais mutações deste ou novos vírus, novos ataques às liberdadeszinhas que à pala do COVID nos foram retirando sem muitos queixumes, pois era tudo por causa de um bem maior e à pala de cuidarem da saúde trataram mesmo da saúde mental que nos afetará daqui para a frente. E virá a fome, a miséria, o desemprego e com a pouca saúde que restar, sociedades desmanchadas, economias destruídas, países destroçados, famílias desfeitas, proibidos os afetos e celebrações religiosas, rejubilamos pois, felizmente, a Constituição da República permite a vida partidária, congressos e outras reuniões políticas mesmo em pandemia. Até pensei chamar ao meu dia de anos Congresso Partidário...

O único ponto positivo é que já podemos voltar a andar à lambada, pois passou a época dos beijos, abraços e prendinhas e não é preciso fingir ser simpático para a tia Gertrudes que sempre foi uma grande parva, ou para a vizinha Desidéria que é uma cusca sempre à janela a dizer mal dos outros. Não preciso fingir que somos amigos, nem mesmo daquele grandíssimo filho da mãe que me prejudicou e eu, durante anos, a

## O que mudou agora que já se foi o Natal

pensar que era o melhor amigo... Não preciso fingir que gosto de toda a gente, pois obviamente não gosto, mas também não disfarçem que são amigos de peito quando somos "amigos" no Facebook, e aí a palavra amigo significa "conhecido", embora eu não conheça pessoalmente nem de vista a grande maioria nem esteja interessado.

Isto faz lembrar a história daquele senhor que era tão popular que nem podia ter mais amigos nas redes sociais, mas no enterro só estava o cozeiro e o senhor da casa funerária.

Pois bem agora que deitamos fora a máscara da hipocrisia e só ficamos com a máscara do Covid-19 que tal uma promessa de ano novo, daquelas que todos os anos repetimos para nunca serem cumpridas, mais ou menos como a promessa de "para o ano vou deixar de fumar"... Eu há muito que decidi cumprir a minha promessa de não fazer fretes a ninguém, nada faço que me incomode ou amofine mas com a cortesia suficiente para viver em sociedade, nada mais. Cresci em ambientes de fingimento e de faz de conta que, como sabemos, constituem a espinha dorsal da hipocrisia da sociedade contemporânea portuguesa. Ao abdicar dessas regras passei a ser "persona non-grata" ou meramente antipática, se bem que bastante mais coerente do que fora em tempos idos. Assim, evitei mal-entendidos dizendo, quando necessário, o que devia ser dito. Agora que o natal acabou, posso continuar a ser solidário todo o ano sem os holofotes natalícios sobre mim. Continuo a poder ansiar por mais um ano sem guerras nem violência, da qual sempre fugi jamais me tendo envolvido em confrontações fi-

sicas. Não entendo a sociedade atual, nem a sua falta de princípios, de educação, de cortesia e respeito pelo próximo, vivemos dias de egoísmo exacerbado, de verdades únicas e indiscutíveis do pensamento dominante, de cinzentismo que impõe normas e padrões obrigatórios em nome de uma pseudo-purificação das nossas imperfeições e nos conduz como carneiros obedientes ao matadouro que nos reservaram. Virão mais desastres por alterações climáticas, normais ou induzidas pelo homem e pelos próprios ciclos da natureza. Haverá mais refugiados, mais racismo, mais discriminação, mais fascismo, menos respeito pelos direitos humanos, mas pode ser que sobrevivamos. E como disse Antoine de Saint-Exupéry "Em cada um de nós há um segredo, uma paisagem interior com planícies invioláveis, vales de silêncio e paraísos secretos". Espero, se a tanto me ajudar o engenho e arte, o novo ano assista à produção de mais poesia pois é "uma arma carregada de futuro", como escreveu Gabriel Celaya e é ela que comanda a minha vida ainda entremeada de utopias que teimo em fazer acontecer.

Em 2021 celebrarei 20 anos de colóquios da lusofonia, com 32 edições realizadas e duas adiadas pela pandemia e espero que os dois médicos que cuidam da minha cara-metade consigam mantê-la sobreviva por mais tempo. Grato ao Dr Carlos Pavão e Dr Roberto Bento de Sousa. Numa altura em que todos se queixam do SNS eu agradeço a esses clínicos que permitem que a esperança ainda viva em nós.

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists' Association MEAA)